CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO
EM: 21/02/01
Roberta Regina
FUNCIONÁRIO

DATA 06/10/1987

PROJETO DE LEI Nº 879/87

ASSUNTO
Considera de utilidade pública a Sociedade de Pesquisa e Administração de Museu - SOCIPAM, na forma que indica.

VEREADOR: Emanuel Veles, Juarez Leitão, Samuel Braga, Paulo Araújo Castro

LEI Nº 6247 DE 08/12/1987

DIOM Nº 8783 DE 04/01/1988

ARQUIVO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 6247 DE 08 DE DEZEMBRO DE 1987.

Considera de utilidade pública a SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU - SOCIPAM, na forma que indica.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º- Fica considerada de utilidade pública a Sociedade de Pesquisa e Administração de Museu - SOCIPAM, sociedade civil, com sede e foro jurídico nesta Capital.

Art. 2º- A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 08 DE DEZEMBRO DE 1987.

MARIA LUIZA FONTENELE

PREFEITA MUNICIPAL

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

A Comissão de Legislação
Em 06/10/1987
Presidente

PROJETO DE LEI Nº 079 /87

Considera de utilidade pública a SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU - SOCIPAM, na forma que indica.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º- Fica considerada de utilidade pública a SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU- SOCIPAM, sociedade civil, com sede e foro jurídico nesta Capital.

Art. 2º- A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, em 06 de 10 de 1987.

Aprovado em 1a. Discussão
Em 20/10/1987
Presidente

Vereadores- Emanuel Teles
Juarez Leitão
Samuel Braga
Paulo Facó
Araújo Castro

JUSTIFICATIVA

A Sociedade de Pesquisa e Administração de Museu-SOCIPAM é uma sociedade civil, de caráter cultural e científico, sem fins lucrativos, que tem por objetivos o estudo, a pesquisa e a divulgação de registros sonoros e imagísticos e a administração e acervos culturais privados de museus e entidades correlatas.

Assim sendo, acreditamos que a propositura em apreço seja acatada pelos membros deste Legislativo.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, em 06 de 10 de 1987.

Aprovado em 2a. Discussão
Em 21/10/1987
Presidente

Vereadores - Emanuel Teles
Juarez Leitão
Samuel Braga
Paulo Facó
Araújo Castro

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL
Em 21/10/1987
Presidente

O disco vai completar 100 anos de vida

Washington (DN) — O disco vai completar 100 anos de vida nas próximas semanas e continua sendo o rei da reprodução dos sons, apesar de ter passado por momentos críticos que quase levaram ao seu desaparecimento.

Agora volta-se a falar, com mais insistência do que antes, que estaria prestes a desaparecer, mas os otimistas asseguram que não acabará enquanto houver toca-discos no mundo.

A ameaça de agora é o chamado disco compacto, mais conhecido como CD, o qual, ao contrário do disco plano de acetato inventado em setembro de 1887 pelo alemão Emil Berliner, funciona com um raio laser em vez de fazê-lo com uma agulha. Contudo, os dois produtos têm uma característica em comum, pois só estão gravados de um lado, e não nos dois, como nas gravações tradicionais.

Berliner se estabeleceu em Washington quando tinha 19 anos e começou suas pesquisas para reproduzir os sons com uma máquina a que chamou de Gramofone, mas encontrou em seu caminho um obstáculo chamado Thomas Alva Edison, que patenteara em 1877 o fonógrafo, que era cilíndrico.

O jornalista mexicano Raul Cervantes Ayala, conhecido especialista em assuntos fonográficos, contou que o problema enfrentado por Berliner era a existência de um "forte investimento no mundo para a fabricação, distribuição e gravação do invento de Edison, sendo difícil romper esse cerco".

Berliner patenteou sua invenção em Washington no dia 26 de setembro de 1887.

Entre suas experiências com a acústica em seu laboratório num subúrbio de Washington, onde morreu em 1929, ele aperfeiçoou a buzina para o microfone do telefone inventado por Alexander Graham Bell.

Hoje seu nome é lembrado no mundo do disco pelo seu Deutsche Grammophon Gesselschaft — que se dedicou, principalmente a partir de 1898, quando foi lançado em Hanover, Alemanha, a divulgar a música clássica — e sua extensão popular, Polydor.

SINFONIA COMPLETA

Segundo Cervantes Ayala, "Berliner gravava discos em inglês, francês, espanhol, italiano e russo", e entre seus primeiros sucessos figurou "O Pai-Nosso". Em 1913 foi feita a primeira gravação de uma sinfonia completa — a "Quinta" de Beethoven — com a Orquestra Filarmônica de Berlim, sob a direção de Arthur Nikisch.

No decorrer dos anos seu selo gravou diferentes versões das obras de Beethoven, destacando-se em tempos recentes as nove sinfonias, também com a Filarmônica de Berlim, agora sob a direção do maestro alemão Herbert Von Karajan. A Deutsche Grammophon Gesselschaft acaba de lançá-las em disco compacto para acompanhar os avanços da vida moderna.

Originalmente, os discos eram gravados em cem revolução por minuto-rpm, a fim de conseguir uma maior potência possível do som, mas havia um inconveniente: as sete polegadas de diâmetro do disco só permitiam uma duração de dois minutos. Reduziu-se então a velocidade para 40 rpm, mas com isso se rebaixou também a qualidade do som. Experiências sucessivas com 74 e 84 rpm acabaram conduzindo às 78 revoluções por minuto, que se tornaria o padrão da indústria.

Em 1951 apareceram os discos de plástico de 33 rpm e dois anos mais tarde fizeram sua estréia os discos de 45 rpm, que ajudariam a popularizar a música de forma maciça e converteria a indústria fonográfica numa das maiores do mundo.

Como os toca-discos que só reproduziam discos gravados em 45 rpm custavam mais barato, a juventude pôde manter o aparelho em seus quartos, dando assim origem à massificação das gravações numa época em que nascia o "rock", ritmo que com Elvis Presley, Bill Haley, Little Richard, Chuck Berry e Fats Domino provocaria uma revolução no mundo, mudando o gosto musical, as roupas e os costumes da sociedade.

AMÉRICA LATINA

Na América Latina, o pioneiro da indústria fonográfica foi a Argentina. Em 1911 se instala em Buenos Aires a Casa Tagini, que obteve a autonomia absoluta em gravação e reprodução de discos. Até então, os músicos locais gravavam em cilindros de cera no país, que tinham de ser reproduzidos em Nova Iorque, Paris e até no Brasil.

Os primeiros a gravar foram Alfredo Gobbi (pai) e Hortênsia Rodriguez, ambos artistas de circo. Em 1905 eles foram gravar em Nova Iorque. Ignora-se o que gravaram, mas conta uma lenda que os cadetes que viajavam no navio-escola "Fragata Sarmiento" levaram para Paris umas mil placas da canção "La Morocha", de Enrique Saborido. Dessa maneira, o tango argentino foi introduzido em Paris.

Paralelamente, México e Chile iniciaram suas respectivas indústrias fonográficas em 1927.

"O criador da indústria no México foi Eduardo Baptista Covarrubias, nascido em Caracas, Venezuela, a 13 de outubro de 1898, e falecido na cidade do México, aos 74 anos, em 23 de janeiro de 1972", conta Cervantes Ayala.

Covarrubias, que lançou em 1927 gravações de Tito Guizar, Gut Cardenas e Guillermo Posadas, será objeto de uma homenagem por parte da Cadeia Latino-Americana de Comentaristas de Discos S/A, assim como jornalistas, locutores, comentaristas, engenheiros de som e pessoas ligadas ao meio com 20 anos de atividade.

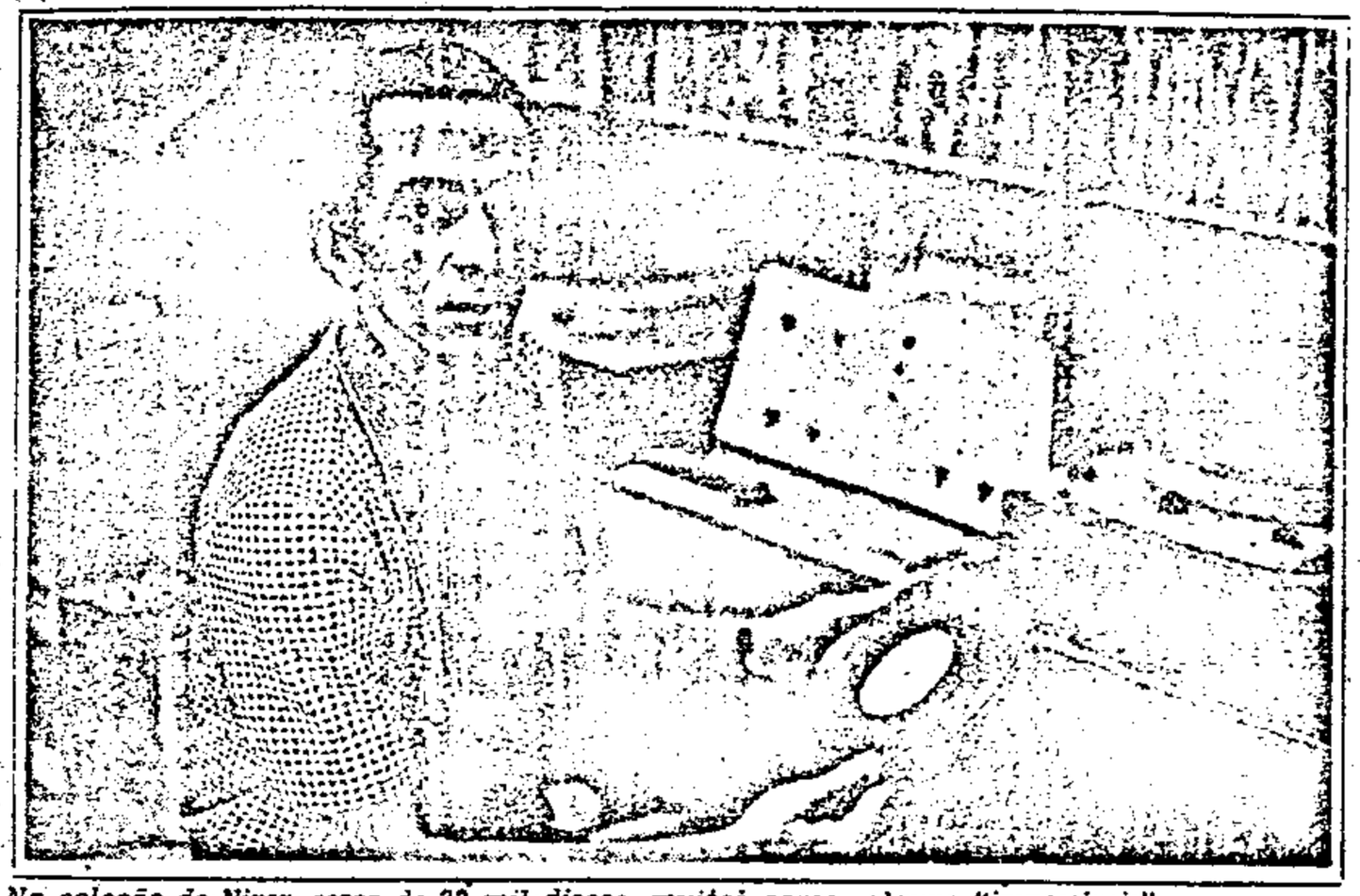
Entre as figuras a serem homenageadas se destacava o jornalista, animador de televisão e "disc-jockei" chileno Raul Matas, que fundou em Santiago, Chile, o programa "Discomania". Transmitido mais tarde para outros países do continente e a Espanha. Atualmente, ele mantém nos Estados Unidos o programa de televisão "Estamos Unidos", onde entrevista artistas a partir de sua base em Miami.

No Chile, acrescenta Cervantes Ayala, a indústria fonográfica foi iniciada em 13 de julho de 1927 com o lançamento do disco que continha "Amargura" e "Festa", do selo Odeon, feito pelo sistema de gravação elétrica em oposição ao acústico que vigorava até essa época.

NIREZ

UM' DOS RAROS NOMES DA MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA

Lena Frias



Na coleção de Nirez, cerca de 22 mil discos, muitos raros, alguns "impossíveis"

A Avenida José Bastos, em Fortaleza, fica perto da linha do trem. Ainda assim é tranquila, quase tanto quanto a travessa que começa à altura do seu número 2336. Na última casa dessa travessa, mora um cidadão moreno e magrinho, jeito de funcionário público — e é mesmo funcionário do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca — muito tímido. Tão tímido que costuma passar desapercebido na brilhante multidão nacional de diletantes da cultura popular. E, no entanto, é um dos maiores conhecedores de música popular brasileira: Miguel Angelo de Azevedo, dono de uma discoteca feita de raridades, de peças que nenhum museu do país tem, peças tratadas com um cuidado que raros acervos conhecem.

A Miguel Angelo vão ter respeitáveis pesquisadores que se servem de seu manancial discográfico e bibliográfico, ou da própria fonte de informações que é o organizador de tudo isso, geralmente sem o citar ou ao seu arquivo. Uuns poucos, jamais o deixaram no anonimato.

Nirez. Se em matéria de interpretação de música popular, eu cheguei a fazer alguma coisa de positivo, o que pretendo, deverei uma parte considerável desse êxito à sua discoteca e à sua vontade de servir — deixou escrito no álbum de autógrafos de Miguel Angelo, em setembro de 1969, o escritor e crítico musical Juarez Barroso.

O apelido de Nirez vem de pequeno. A origem exata ele não sabe. Sua família também não. "Parece que a explicação é a seguinte: quando eu era pequenino, era louro. O pessoal deu de me chamar de inglês. Acho que daí veio o Nirez, uma corruptela."

A corruptela acabou nome familiar em Fortaleza, onde de vez em quando, e sem consultar o maior interessado, o Governo anuncia a fundação de um Museu da Imagem e do Som baseado no seu arquivo.

Agora mesmo isso é assunto nos jornais da cidade. O arquivo toma a casa toda, as prateleiras ocupando a sala, entrando pelos quartos, chegando até a cozinha. Cerca de 22 mil discos. Alguma ajuda oficial ou de instituição particular? "Nenhuma. Há 16 anos venho trabalhando sozinho. Quero trabalhar na preservação da memória musical do país, e me dediquei à parte discográfica".

Nirez está fazendo, em companhia de mais dois pesquisadores tão sérios quanto ele (Grácio Guerreiro Barbalgo, de Natal, e Alcino de Oliveira Santos, de Taubaté, São Paulo, com o apoio de Jairo Severiano e de Almirante, no Rio), e por encomenda do Departamento de Assuntos Culturais do MEC, o levantamento completo de tudo quanto se editou no Brasil, desde o começo do século, em matéria de discos de 78 rotações. O resultado final desse trabalho será publicado na forma de uma catálogo, onde aparecerão, além dos dados técnicos da gravação (se mecânica, se elétrica, materiais usados e assim por diante), dados históricos sobre os intérpretes, instrumentistas, instrumentos, as canções — cada disco dissecado em forma e conteúdo.

Em meio às alegrias de que me inundo ao rever a minha amada Fortaleza tenho a de conhecer de perto, pessoalmente, o Museu Fonográfico organizado, mantido e dirigido pelo Nirez (Miguel Angelo de Azevedo). Trata-se, na verdade, de primorosa coleção de gravações de música popular brasileira na qual nem sei o que mais me impressiona. Se a riqueza da coletânea, plena de jóias raras do cancioneiro do Brasil, se o capricho do arquivamento, o zelo da catalogação, enfim, a admirável organização do fabuloso arquivo, possivelmente dos mais raros e de maior valia do país (Edgar de Alencar).

Capricho no arquivamento e zelo na catalogação evidenciados até pelas fichas que ele cria e manda imprimir por conta própria. Ficha para título, para autor, para solista, para tudo. Rúbricas que ninguém se lembra. Por exemplo, descobridor: quem revelou, quem descobriu, quem mostrou aos meios artísticos e ao público aquele cantor ou aquele compositor ou instrumentista.

Nirez, infelizmente o Brasil precisa de muitos nirezes, a fim de que não desapareça a memória da nossa música tradicional, dessa música de que você possui tantos exemplares representativos. Fico feliz de encontrar gente como você: sério, dedicado e apaixonado da música mais bela do mundo: a nossa música brasileira (Mozart de Araújo).

São poucos os nirezes, talvez porque ser Nirez seja caro e dê trabalho: é a via sacra às casas de discos, aos sebos, à procura de livros, de documentos, de catálogos. E' a busca permanente de coleções para comprá-las do jeito em que estejam, catalogando-dodo, ajeitando, limpando, colocando em condições de uso velhos exemplares destinados ao lixo por antigos donos. E' catar, em difícil garimpo, velhos catálogos de gravadoras desaparecidas ou absorvidas por outras. E' realizar trabalho de repórter, entrevistando gente ligada a compositores, autores, cantores e músicos já mortos. E' descobrir remanescentes de velhos conjuntos. E' responder por telefone, pessoalmente ou por escrito, a um sem número de consultas partidas de tudo quanto é ponto do país. E' ver suas respostas e seus pareceres incorporados a livros e artigos, sem por isso, muitas vezes, receber qualquer crédito. E' ser cristão velho e ver os cristãos novos brilhando no rádio, na televisão, nos meios de comunicação, pontificando sobre matéria em que ele é doutor.

Nirez, de saída — e apressadíssimo — não tenho o tempo suficiente de que necessito para louvar o seu extraordinário trabalho. Volto amanhã tão entusiasmado fiquei com suas pesquisas em favor da nossa memória musical (Ricardo Cravo Albim).

Entusiasmado ficou também o artista Luiz Sá, criador de Reco-Reco, Bolão e Azeitona para a revista O Tico-Tico. Entusiasmo expresso em autógrafo que, por ser de Luiz Sá, já passou também a peça rara:

Conheci hoje um reino encantado, o extraordinário arquivo artístico, literário, fotográfico e mais "o diabo a quatro" de Miguel de Azevedo, o Nirez.

Carlos Drummond de Andrade

RELÍQUIA

— O senhor já viu tudo direitinho, como deve ser visto? Ah, essa não é uma sepultura como tem dúzias por aí, carece ver com mais atenção. Muita gente desce do carro afobada, entra, dá uma espiada rápida e volta sem reparar bem nas coisas. Só pra dizer depois: "Eu estive lá, tirei retrato junto da cova, olha só como ficou bom." Já vi gente comendo sanduíche sentada na laje, o senhor acredita? Deus me perdoe, até puxarem um fumo aí, esses olhos que a terra fria...

Desculpe, não vamos falar nisso. O certo é que eles vêm porque ficou na moda vir aqui, vêm para dizer que vieram, mas sabem lá quem foi esse que está enterrado aí, conhecem alguma coisa dele, são capazes de repetir os negócios bonitos que ele inventou, ao menos as coisas mais bonitas de todas, aquelas mais tristes, que entram direto no coração da gente e não dá jeito de sair mais?

É claro, o senhor não faz parte dessas pessoas, vê-se pelo jeito, e sabe do que estou falando, conhece de cor e salteado as belezas dele. Mas o resto... Eu até preferia que eles não viessem, essa garotada barulhenta, esse pessoal que faz excursão programada pela agência de turismo e mistura tudo na lembrança, se é que guarda alguma coisa, se é que é capaz de guardar o fino das coisas. O coitado lá embaixo, sei lá como vê tudo isso. Quer dizer, a alma dele está no céu, só o corpo fica lá dentro do caixão, mas passados mais de 100 anos, o senhor faça a conta, não deve ter corpo nenhum, só o lugar do corpo, a lembrança dele, bem enterrada.

É uma coisa que dói na gente, pensar que ele está e não está mais aqui, ele que merecia estar sempre aqui diante deste mar que ele atravessou para curtir.

AS CRIANÇAS DO

MUSEU DO NIREZ: PROPAGANDA É A ALMA DESTE NEGÓCIO.

Angela Barros Leal

"Um acervo de 16.800 discos de cera, considerada a maior coleção particular do Brasil, em Música Popular. E ainda, rótulos de refreigerantes, carteiras de cigarros, figurinhas e caixas de fósforo."

Misture quina, cola e cacau. Acrescente carne, ferro, glycerophosphato de cal e agite bem. Complete a mistura com arsênico e strichnina para ter em mãos o Vinho Tônico Reconstituinte, ideal para o combate à dyspecpsia, neurasthenia, rachitismo e, principalmente, escruphulose. As instruções de uso vêm no rótulo do remédio, e o rótulo é um entre tantos do acervo do Museu Cearense de Comunicação, mais conhecido como Museu do Nirez.

Nirez é o apelido de Miguel Ângelo de Azevedo, cearense nascido em 1934, funcionário do Departamento Nacional de Obras contra a Seca-DNOCS, diretor do Departamento de Pesquisa do jornal O Povo, e colecionador permanente de peças tão curiosas como embalagens de chocolate, selos de consumo, bilhetes de loteria, caixas de sabonete e volantes de campanhas eleitorais.

E não é só: Nirez coleciona também rótulos de refrigerantes, carteiras de cigarro, figurinhas e caixas de fósforo. Como todo colecionador que se preza, Nirez tem sua predileção especial, que entretanto não diminui a atenção para as outras coleções. O ponto forte do Museu é o acervo de discos de cera, somando 16.800 exemplares, considerada a maior coleção particular do Brasil, em Música Popular.

As coleções de Nirez dominam a casa. As estantes vão até o limite superior das portas, ocupando as quatro paredes da sala estreita, repletas de alto a baixo pelos discos de cera. Fotos em preto e branco de artistas famosos e esquecidos contornam as estantes. Um gramofone da Victor descansa ao lado da porta. O sofá fica de frente para uma das estantes, a um passo do toca-disco em prontidão. E nas prateleiras, abaixo do toca-discos, os álbuns volumosos onde Nirez ordena suas outras coleções.

Tudo o que ali está foi conseguido por conta própria, com os reduzidos salários de funcionário público, ou através de doações. Instalado oficialmente desde 1969, incluído durante algum tempo no roteiro turístico de Fortaleza, e visitado com freqüência por pesquisadores de todo o país, uma série de problemas ligados à administração da capital fez com que em 1981 o Museu fechasse suas portas ao público.

Portas fechadas mas coração aberto, Nirez não se nega a mostrar seu acervo a quem quiser visitá-lo. Da estante apanha os álbuns bem cuidados, onde se pode acompanhar a evolução dos rótulos e embalagens do século passado aos dias de hoje.

A estética dos remédios

No início do século qualquer doença era coisa séria. Os médicos não eram fáceis de ser encontrados, principalmente nas cidades do interior, e os farmacêuticos ocupavam seu lugar. A responsabilidade deste ofício era demonstrada na freqüência com que apresentam o rosto nas embalagens dos remédios. Figuras sisudas, bigodes retorcidos, posando em fraque e colarinho de pontas viradas para consolo dos pacientes, os farmacêuticos cercavam seus medicamentos de uma aura de respeitabilidade e confiança.

Vinho de Caju Phospho-Iodado recomendava-se como

A maior coleção de discos do Brasil. O primeiro exemplar é de 1902

SERGIO CABRAL

Miguel Ângelo de Azevedo, mais conhecido como Nirez, é provavelmente o maior colecionador de discos do Brasil. Sua casa em Fortaleza (onde ele deu esta entrevista) foi transformada por ele mesmo em Museu Cearense da Comunicação, aberto a qualquer pessoa e mantido com a remuneração que Nirez recebe como funcionário público e chefe do setor de pesquisas do jornal "O Povo", no qual colabora com uma página semanal. No momento, está concluindo o levantamento de todos os discos gravados no Brasil, num trabalho em colaboração com outros pesquisadores (Grácio Barbalho, de Natal; Jairo Severiano, do Rio de Janeiro; Alcino Olliveira Santos, de Taubaté, São Paulo) e com o apoio do Ministério da Educação, que promete editar a primeira discografia brasileira até março de 1979.

●●●



Nirez entre seus milhares de discos e fichas de arquivo.

O que foi que o levou a colecionar discos?

— Eu também me tenho perguntado isso. Em 1954, comprei um *pick-up* e saí, depois, para comprar discos. Mas 1954 foi um ano de muitos boleros, de versões, e aquilo não me agradava. Quer dizer: eu não gostava da música da época. Então, procurei nas lojas discos reeditados de Orlando Silva, Silvio Caldas, Francisco Alves, Vicente Celestino, Déo e outros. Fui arrumando meus discos na prateleira, até que observei que não havia mais reedições no comércio. Saí atrás de gravações originais e passei a dar valor a esse tipo de disco, já que observava que eram cada vez mais raros. Era a época do começo do Lp, as pessoas não se interessavam mais pelos discos de cera. Eu, então, ia trocando Lps por discos de cera. Bem, desde garoto, tenho mania de coleção: colecionei selos, maços de cigarro, bandeiras etc. E quem coleciona selo acaba conhecendo mais História, porque atrás de cada selo tem uma explicação histórica. Disco [illegible] coisa. Aí, comecei a me preocupar também com o que havia atrás de cada gravação. Por exemplo: Por que teria acabado aquele tipo de música apresentada pelo disco antigo? Querer responder a esse tipo de pergunta fez com que aumentasse ainda mais o interesse por cada disco. Querer entender o disco dentro do contexto histórico fez de mim essa pessoa que você está vendo.

— E como é que você fazia para pesquisar?

— Comecei a ler tudo que encontrava sobre música popular — como o "Samba", de Orestes Barbosa, "O choro", de Alexandre Gonçalves Pinto, e "Na roda do samba", de Francisco Guimarães — já eram raridades. O primeiro livro que me deu alguns subsídios foi "Sambistas e chorões", de Lúcio Rangel, lançado em 1962. Acabei virando colecionador. Descobri endereços em São Paulo, onde podia comprar, conheci o Dr. Grácio Barbalho, e assim fui montando minha discoteca.

— Tenho a impressão de que no interior você encontra com facilidade discos antigos.

— Não, é um engano. O Ceará, por exemplo, tem um sertão muito pobre, principalmente por causa da seca. E você sabe que disco sempre foi uma coisa caríssima. A gente pega um disco de cera da Casa Edison, de 1912, e lá está um selo de consumo de 400 réis. Você imagina o preço do disco para o consumidor. Não era — como não é — qualquer um que podia e pode comprar um disco. Gramofone era proporcionalmente muito mais caro do que é hoje um aparelho colorido de televisão. Consegui alguma coisa no sertão, mas muito pouca coisa. Na capital consegui mais.

— Eu ouço dizer que você e o Grácio Barbalho se completam. Você tem a maior discoteca do Brasil da fase mecânica e ele ganha de todo mundo na fase elétrica. É verdade?

— Não é bem assim. Eu tenho tudo, e ele só tem discos da fase elétrica. Mas esse "eu tenho tudo" não quer dizer que o último disco de cera. O Grácio, não. A coleção dele começa em 1929 e vai até 1949, com algumas coisas que vão além. Dentro do período de 29 a 49, a coleção dele é completa, muito mais completa do que a minha. Eu tenho muitas falhas. Discos da fase mecânica, antes de 29, eu tenho e ele não tem. Por sinal, quando ele consegue discos da fase mecânica manda logo pra mim, de mãobeijada.

— Qual o último disco de 78 rotações feito no Brasil?

— Bem, o último disco de 78 rotações da Odeon foi o de número 14.838, de uma dupla caipira. Foi lançado em fins de 1963. Mas como existiam umas fabriquetas pequenas — como a RM, que era da Rita Maldonado; a Bahia, onde gravou até a Dircinha Batista; Século XX etc. — elas continuaram a fabricar discos de cera depois que as grandes gravadoras pararam. Elas não tinham condições de fabricar long-plays, permaneceram mais um pouco fazendo 78 rotações. Mas é muito difícil estabelecer qual foi o primeiro disco de cera.

— Você tem o "Isto é bom", primeiro disco feito no Brasil em 1902?

— Não tenho nem nunca vi esse disco. Nenhum colecionador brasileiro tem esse disco. Eu sei que tenho o primeiro disco da Odeon, que é o "Avenida Central", número 40.001, de 1905. Agora, existiam outras fábricas que não deixaram nenhuma indicação para você saber em que época foram feitos os discos. A Record Brasil, a Phoenix, isso tudo eram gravadoras pioneiras, mas a gente não sabe exatamente em que ano lançaram os seus discos.

— Você tem alguma técnica especial para obter certas raridades?

— Depende. O Grácio Barbalho, por exemplo, percebe que está faltando na coleção dele o disco número 33.247. Ele sai em campo atrás dele. Ele faz isso porque a coleção dele está muito fechada dentro daquela época e ele precisa daquele disco. Já eu, não. Me faltam tantos que qualquer um que entrar será muito bem recebido. Mesmo porque quem procura só um disco acaba pagando caro por ele.

— Qual é a sua profissão?

— Sou desenhista do Ministério do Interior e também faço jornalismo.

Essa mania que você tem é muito cara?

— Às vezes é cara, às vezes é barata, às vezes sai de graça.

Ele permanece hermeticamente fechado.

— E como é que você limpa?

— Passo água, algodão com água. Não uso sabão, não uso nada. Dou vários banhos, até sentir que o disco está limpo.

— Água fria? —

— Água fria. Mas quando o disco está cheio de chiado ou está ruim porque foi utilizado com uma agulha estragada, passo qualquer limpa-plástico que contenha silicone. O silicone redux o chiado. Quando não tem chiado não passo silicone porque ele deixa sempre uma camada que abafa o som.

— Por que você não passa sabão?

— O sabão tira o brilho. No disco existe uma camada de goma laca, e qualquer coisa ácida que você passa retira a goma e o brilho.

— Há colecionadores que, depois da lavagem, passam sobre o disco uma agulha improvisada, feita de espinho de cactus cozido.

— Isso é bom porque limpa as partes profundas. Agulha de aço não penetra no fundo porque é muito dura. Sendo mais flexível, o espinho penetra mais.

— Estou vendo que a sua casa é o Museu Cearense da Comunicação. Que história é essa?

— Quando a gente começa a relacionar discos, como já disse. Depois, passei a fazer um programa de rádio, cujo título, aliás, era um pouco roubado de um antigo programa do Heber de Bóscoli: ele fez o "Museu de cera", e eu criei o "Arquivo de cera". Mas muita gente escrevia para mim e botava no envelope: "Nirez — Arquivo de Cera". Aí, passaram a chamar minha casa de Arquivo de Cera. "Vai lá no Arquivo da Cera". Mas eu não gostava desse título e fundei o Museu Fonográfico do Ceará. Até a revista "Veja" publicou uma nota. Comecei a alargar o meu trabalho, com documentos da história de Fortaleza, com arquivo de fotografias e mais as antigas coleções que fazia. Por tudo isso, transformei minha casa em Museu Cearense da Comunicação.

— Você recebe muita gente estranha aqui?

— Constantemente vêm estudantes que vão desde o curso primário ao universitário.

— E você recebe alguma ajuda pública, em nível de governo?

— Nada. Até agora, nada. Nem tenho esperança.

— Você já fez alguma descoberta importante nessa pesquisa de discos?

— Quando a gente começa a relacionar discos, como já disse, vai atrás de datas, publicações das gravadoras, revistas etc. Mas os discos da Casa Falhauber não tinham nenhuma indicação, a não ser uns sinais num cantinho do selo, sobre os quais não havia qualquer informação. Depois, vi um disco Falhauber com uma data no mesmo local onde, nos outros, havia os sinais: 5-11-11. Foi aí que me lembrei da minha coleção de selos, onde havia alguns com aqueles números arábes — não arábicos, mas arábes, daquela grafia que eles [illegible] verifiquei que os sinais dos discos eram os mesmos do selo: um é um traçinho só; o quatro era um #; o cinco é uma rodinha, essa coisa toda. Parti daí para decifrar os sinais dos discos e descobri que eram datas. E com isso descobri também que aquele 5-11-11 era, na verdade, 11-5-11, porque eles fazem como os ingleses, botam o mês na frente do dia.

— Para organizar isso tudo você se baseou em alguma técnica ou tudo isso é criação sua?

— Fui eu mesmo. Não me baseei em nada. Depois que passei a ter mais ou menos 1.300 discos, vi que havia necessidade de estabelecer uma certa organização para localizar o disco que queria ouvir. Mesmo porque passei a fazer um programa diretamente da minha casa, por uma linha telefônica. O ouvinte pedia uma música e eu tinha que atender na hora. "Quero ouvir" "Se me faltasse o amor", com Albânzio Perrone" — e eu atendia imediatamente. Cada faixa de disco tem uma ficha que é arrumada por ordem alfabética. Tenho fichas por ordem de autores e por ordem de cantores. Cada estante é de uma gravadora, e os discos estão colocados lá pela ordem do número de fábrica. Como, ao lado das músicas, coloco o número de fábrica, é fácil atender a qualquer pedido. Toda a biblioteca sobre minha música também está fichada. Qualquer referência sobre qualquer nome que conste em livro acho imediatamente.

— Você dedica quantas horas por dia a esse tipo de trabalho?

— Geralmente, depois do jantar. Tem dia que estou para fichar disco, tem dia que estou para anotar livro. Tem dia que não estou para nada disso e vou ver televisão.

— A sua é a maior coleção do Brasil?

— Não sei, porque não conheço todas. Conheço a do Grácio Barbalho e a do Miécio Caffé. Das coleções que conheço, a minha é a maior.

— E o levantamento sobre a discografia brasileira?

— Eu vinha fazendo sozinho, quando me apareceu aqui o Dr. Grácio Barbalho com o trabalho que estava fazendo. Depois, descobri que, em Taubaté, o Alcino Oliveira também fazia a mesma coisa. Mais tarde, soube que o Jairo Severiano também estava tentando levantar a discografia brasileira no Rio de Janeiro. Aí, começamos a nos completar, um fornecendo sua relação para o outro. Formamos a nossa equipe de quatro, até que um dia fui a Brasília participar de um seminário de música na universidade e fiquei conhecendo a Maria Alice de Castro, do Departamento de Ação Cultural do Ministério da Educação. Ela se interessou e o DAC resolveu patrocinar o nosso trabalho, o que facilitou bem a nossa vida. O negócio já está assinado, e o professor Manuel Diegues pretende publicá-lo até março do ano que vem.

— Por que Nirez?

— Não sei. É um apelido de casa, e

Nesta casa, um pedaço da história do Ceará.

Da velha coleção de discos, surgiu um verdadeiro museu.

Este é Nirez — 50 anos, casado, três filhos —, o homem que guarda a história do Ceará dentro de casa. Ele vive, come e dorme sobre discos, fotos e papéis antigos, colecionados nos últimos 30 anos na sala de estar da sua residência.

E quem passa em frente à pequena casa da Rua José Bastos, na beira da linha do trem, com certeza não imagina o enorme acervo de história do Ceará que se esconde lá dentro. É o Museu Cearence de Comunicação, organizado por Miguel Ângelo Azevedo — que todo mundo conhece por Nirez.

Para se ter uma idéia da importância desse trabalho, basta lembrar que, hoje, quase todos os trabalhos de pesquisa sobre o Estado do Ceará passam obrigatoriamente pelas mãos do paciente Nirez, que, das prateleiras que esparramou por toda a casa, retira sempre as respostas para as dúvidas dos pesquisadores.

Todo esse arquivo histórico teve início com uma pequena coleção de discos. "Fiz 20 anos em 1954 e então comprei meu primeiro toca-discos e um amplificador. Só que eu não gostava de ouvir as músicas da época, já totalmente influenciadas pelo pós-guerra e enforcadas entre o ritmo norte-americano e o centro-americano. Passei a adquirir reedições da década de 30. Quando já não tinha mais o que comprar, comecei a trocar discos atuais para a época por discos antigos. As pessoas adoravam essa troca pois, quem é que queria um disco velho? Só um louco como eu. Aliás, continuo tachado de louco até hoje."

Quando a coleção atingiu 1.300 discos, Nirez começou a fazer um programa na Rádio Uirapuru, chamado *Arquivo do Ceará*. Passou também pela Ceará Rádio Clube, pela Rádio Dragões do Mar, etc. Hoje, é funcionário do DNOCS e tem uma página semanal no jornal *O Povo*.

Nirez se vangloria, por exemplo, de possuir o disco de samba mais antigo. "Dizem que o samba mais antigo é o *Pelo Telefone*. Mas não é. Tenho vários mais antigos, como *Urubu Malandro* ou *A Viola Está Magoada*, de 1913 e *Quando a Mulher Não Quer*, de 1910." Ao todo, atualmente, já são 18.000 discos.

Tudo no museu de Nirez é catalogado e organizado. Procuram-se dados da história de Fortaleza e encontra-se um fichário com o nome das principais ruas e praças, tudo com fotos e explicações. Como, por exemplo, o trecho da Rua Major Facundo no cruzamento da Senador Alencar, que nos dá a exatidão dos costumes da época, ou a foto da Praça da Lagoinha, quando a linha do trem ainda passava por dentro da cidade, ou, ainda, a foto da antiga Matriz, destruída em 1938.

E a história do Ceará continua através dos arquivos de celebridades onde, depois de uma leve vasculhada, se acaba encontrando um panfleto de 1953 do candidato a governador Armando Falcão que, mesmo pregando contra o roubo e golpe, perdeu para Paulo Sarasate. E a história permanece através dos arquivos de rótulos de remédios, bebidas, propagandas, jornais antigos e até depoimentos gravados.

Grande parte deste acervo é doação dos proprietários, sendo que a maior doação foi a feita pela Aba Filme, que lhe cedeu todo o arquivo-morto compreendido entre 1952 e 1975. Apesar da importância do seu museu, Nirez se preocupa demais com o destino do acervo, já que seus filhos não se interessam pelo assunto. "O único filho que gosta de colecionar é o de 22 anos, mas ele só curte é futebol... Já tentei o apoio do Governo e até passar o acervo para alguma escola ou universidade, mas quando chega no ponto de eu ser um funcionário público a situação se complica..."

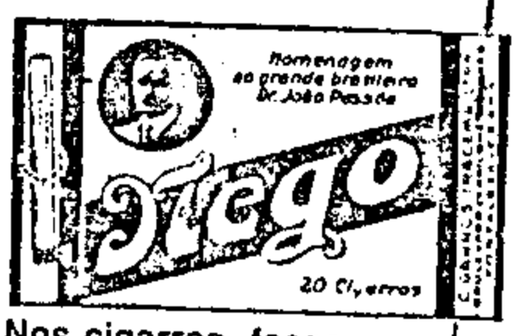
(AF)



Nirez e sua coleção de 18.000 discos



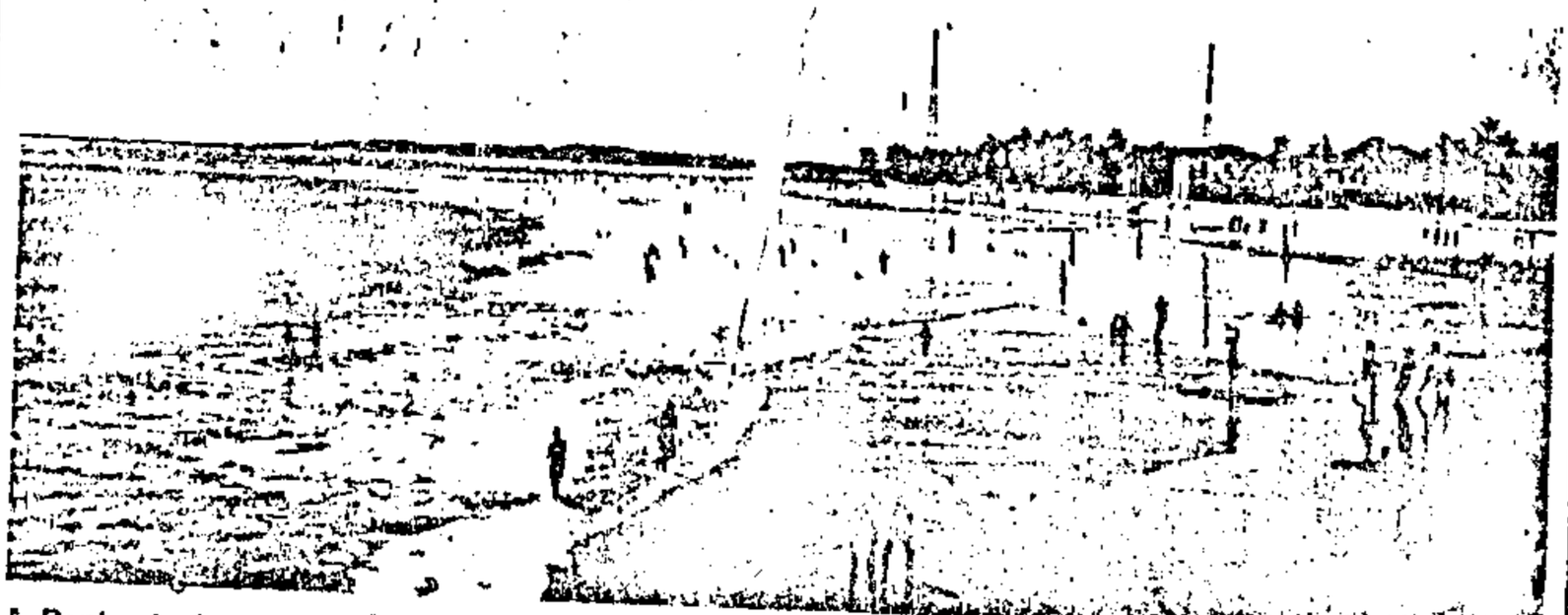
Os tônicos milagrosos



Nos cigarros, fases...



...das artes gráficas.



A Praia de Iracema, no começo da década de 30.

NIREZ

O MUSEU VIVO DE FORTALEZA

Tárik de Souza

SÃO 16 mil discos de 78 rotações, rigorosamente envelopados contra a poeira e minuciosamente catalogados por música, autor, intérprete. E mais: um volumoso arquivo remete ainda o pesquisador a músicas, autores e intérpretes contidos numa complementar coleção de revistas antigas, onde se contam desaparecidos títulos como **Noite Ilustrada, Eu Sei Tudo, Vamos Ler, Carioca, Revista do Rádio, Cineasta** e outros. Se preferir ainda, o consulente pode aprofundar esse verdadeiro mergulho na máquina do tempo ouvindo depoimentos gravados, folheando a série completa das Estampas Eucaliol e outras coleções tão variadas e raras como uma de antigos negativos que vai até a época do daguerreótipo; de rótulos, carteiras de cigarros, menus de restaurantes (um dedicado especialmente a um jantar do Presidente Getúlio Vargas), caixas de fósforos e até tampinhas de garrafas, coleção de parcos adeptos devido à dificuldade de conservação.

Esse variadíssimo museu da imagem e do som fica numa casa particular da sinuosa Avenida José Bastos, em Fortaleza. O proprietário a construiu de frente para um terreno baldio todo plantado ("Moro na floresta" — ironiza) com a curta renda de funcionário público e jornalista, empregos equilibrados com dificuldade. O museu, aberto logo à sala de entrada com posters de Francisco Alves, Ary Barroso, Custódio Mesquita, Carmem Miranda, Lauro Maia, Patrício Teixeira, Zequinha de Abreu, entre muitos outros, em flagrantes incomuns,



Fortaleza/Marta Zanetti

Nirez: uma riquíssima devoção desamparada



Fortaleza/Marta Zanetti

Discos, fitas, livros, coleções de revistas, *posters* ocupam várias salas da casa de Nirez, aberta aos pesquisadores e a estudantes.

acaba de inaugurar um oficial Museu da Imagem e do Som em Fortaleza, com material pobre, sem utilizar o acervo acumulado por Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, em dedicados 27 anos de pesquisas. Ao contrário do combinado com a Secretaria de Cultura amterior, Nirez terá de continuar, às próprias expensas, o extraordinário museu particular que se orgulha de manter aberto aos estudantes e pesquisadores.

Mas nada abate o intrépido e um tanto descrente colecionador. Nem mesmo o descaso oficial pela gigantesca Discografia Brasileira levantada por ele e outros três pesquisadores (Grácio Barbalho, de Natal, RGN; Alcino Oliveira Santos, de Taubaté, SP; e Jairo Severiano, do Rio) sob encomenda do MEC, em 1978. Os cinco grossos volumes, de 500 páginas cada, com cerca de 68 mil composições, 6 mil intérpretes, referentes a 62 anos de música brasileira (1902-1964), toda a vigência do disco de 78 rotações, continuam em sua estante. O MEC, presente à primeira (e por enquanto única) organizada pelo jornalista Aramis Millarch em Curitiba, interessou-se pelo trabalho que Nirez, Grácio, Alcino e Jairo realizavam espontaneamente. "A gente foi se conhecendo aos poucos" — conta Nirez. "Primeiro foi o Grácio. Começamos a trocar informações, discos que nos faltavam, datas, intérpretes, números de catálogo." O MEC comprometeu-se, em 1978, a editar o trabalho logo que concluído, no prazo de um ano — "e nunca mais falou no assunto, embora algumas editoras particulares tenham se candidatado a uma co-edição".

Ao invés de desinteressar-se, Nirez, na Sala Descartes Selvas Braga de sua casa ("foi o primeiro pesquisador de Fortaleza, começou em 1910 e me legou seu acervo"), seguiu aperfeiçoando a Discografia. Hoje ela conta poucos claros, mesmo assim apenas na parte inicial do século. Do segundo volume em diante não há uma só falha, cada disco está meticulosamente anotado nos quesitos **número, repertório, gênero, número da matriz, intérprete, autores, data da** prias gravadoras, proprietárias das matrizes: todas, sem exceção, desfizeram-se da maior parte dos 78 rotações, sempre com a alegação de que "ocupa muito espaço". Nirez entusiasma-se e mostra uma jóia raríssima de sua coleção preciosa e bem conservada: um 78, estalando de novo, com as Irmãs Pagãs interpretando o célebre **Camisa Listrada**, de Assis Valente. A dupla foi a primeira a gravar o samba, mas Assis, descontente com o resultado — que soa insinuante, num arranjo de concepção modernista — preferiu cancelar o lançamento, reservando o estrondoso sucesso a Carmen Miranda, sua intérprete favorita. Essas histórias, acumuladas por Nirez, somam-se ainda ao registro, no final de cada livro, dos acompanhamentos, orquestras e regionais apurados nos sumários selos dos 78 rotações e confrontados com informações da imprensa da época, arquivadas pelo pesquisador.

Essa devoçao por guardados e pesquisas, "nunca fiz biblioteconomia, sou autoditada", começou "uma mistura de baião, bolero e bossa nova que não me agradava", Nirez, cearense de Fortaleza, hoje com 47 anos, passou a percorrer as casas de família recolhendo 78 rotações encostados, prestes a ir para o lixo. Comprava a música da moda, "aquelas seqüências intermináveis da série **Feito para Dançar**, com Waldir Calmon" e trocava por discos antigos, muitas preciosidades, desprezadas por seus proprietários interessados na nova onda. Aos poucos tinha construído uma fabulosa discoteca, além de ir recolhendo, pelos mesmos caminhos, demais objetos de coleção, organizados em conjunto com a mulher. Durante sete anos manteve um programa de rádio, **Arquivo de Cera**, utilizando apenas seus próprios discos conservados à base de uma solução de silicone. Aos domingos, tem uma coluna no jornal **O Povo**, onde biografa importantes e esquecidas figuras da música popular com o auxílio do arquivo do museu da imagem e do som que funciona em sua casa. Um projeto de vida

GENTE



Geneviève Page: a dama certa para a môça tímida

A atriz do cinema francês **Geneviève Page** — atualmente filmando em Londres, para a televisão da BBC, uma versão moderna de "A Dama das Camélias", de Alexandre Dumas Filho — vai aparecer ainda êste ano ao lado de Marlon Brando num filme americano que se chamará "Timidez". Geneviève Page — na foto coberta só com a toalha — vai viver o papel de uma môça da Virgínia que tinha vergonha até de mostrar o pé.

O seminarista franciscano **Oswaldo Stefani** (24 anos), obrigado pelo regulamento do Seminário Maior de Viamão, no Rio Grande do Sul, a trabalhar para sustentar seus estudos, teve uma proposta que poderá afastá-lo da pobreza franciscana: os diretores do Metrópole Xadrez Clube de Pôrto Alegre gostaram tanto das peças de um jôgo de xadrez esculpidas por Oswaldo em jacarandá, que estão dispostos a pagar 30 000 cruzeiros novos por êle. Até o momento, o seminarista escultor só fazia Cristos de madeira que o seu empresário — o radiotécnico José Antônio Salgado — vendia no interior a 50 cruzeiros novos.

O poeta concreto e especialista em comunicação **Décio Pignatari** (41 anos), nomeado vice-presidente do Comitê Diretor da Associação Internacional de Semiótica (teoria dos signos), fundada em janeiro, deu em Paris um exemplo máximo de comunicação: entusiasta de Mallarmé, precursor do movimento concreto na poesia, arrancou um pedaço de ferro do túmulo do poeta e vai colocá-lo na sua casa como peça de decoração.

O nôvo presidente da Câmara Municipal de São Paulo, **José Maria Marin** (antigo ponta-esquerda do São Paulo Futebol Clube), começou sua administração com a marca da austeridade: uma de suas primeiras medidas foi promover economia com cortes em vencimentos, ao mesmo tempo em que afastava uma série de funcionários que driblavam o trabalho. O antigo craque passou ao campo da política em 1963 elegendo-se vereador pelo PRP, de Plínio Salgado, e foi reeleito em 1968 com 28 208 votos.

Enquanto o Estado da Guanabara ainda mantém precàriamente o Museu da Imagem e do Som, e o Estado de São Paulo ainda nem sabe como instalar o seu, um cearense chamado **Miguel Ângelo de Azevedo** resolveu o problema sòzinho: transformou sua casa da Avenida José Bastos, 2386, em Fortaleza, no Museu Fonográfico do Ceará (Musfono), e está enviando cartas-circulares a todos os Estados oferecendo informações. Miguel Ângelo tem mais de 10 000 fichas sôbre músicas, livros e figuras da música popular brasileira à disposição de todos e só pede uma coisa em troca: quem tiver um disco velho, uma modinha ou uma partitura antiga, mande para o Ceará.

Vinte e quatro horas depois do delegado **Adib Tauil**, da cidade mineira de Guaxupé, ter baixado uma portaria proibindo o namôro em praça pública a partir das 10 horas da noite, surgiu na vizinha cidade de Alfenas uma placa com os dizeres: "Não vá a Guaxupé, lá é proibido namorar". Alfenas e Guaxupé são conhecidas pela rivalidade entre seus habitantes.

O técnico **Yustrich**, do Atlético Mineiro, conhecido por sua aversão a jogador que usa bigode, barba ou cabelo comprido, aconselhou o jogador Cabeção, que pedia uma oportunidade no time: "Primeiro corte êsse bigode à Antônio Maria, depois raspe essa barba à Hemingway e apare essa cabeleira de Beatle. Quando estiver pronto venha e trate de mostrar que é bom de bola, porque de artistas eu ando cheio".

Linda Lutz, dançarina de um "night-club" da cidade de Santo Antônio, no Texas, casou-se com o colega **Jim Stewart**, bailarino de 26 anos, perante o juiz Lloyd Mirkpatrick. Jim Stewart vestia um terno de tropical escuro, mas Linda Lutz apresentou-se como nos seus melhores momentos artísticos, ou seja, com o busto de fora. O juiz Mirkpatrick confessou-se um pouco "embaraçado", mas seguiu o ritual até o fim.

Entusiasmado com o show com que o velho dançarino **Fred Astaire** comemorou o seu septuagésimo aniversário na televisão, o crítico de dança da revista "Saturday Review" sugeriu a compra do tape do espetáculo para figurar na Coleção de Dança do Museu e Biblioteca de Artes de Nova York. Fred Astaire — delgado e ágil como há quarenta anos, quando começou em Hollywood — dançou com a bailarina **Barrie Chase**, do Balé de Nova York, permitindo ao público assistir a meio século de dança evoluir enlaçado: Fred tem setenta anos e Barrie Chase apenas vinte.

onstituinte, pelas "vantagens apeuticas do phosphoro e do o", auxiliado pelas priedades medicinais do caju. Arsenio-Creosoto-Phosphatado F. Gonzaga, com o farmacêutico ndamente avalizando sua ácia na "cura da bronchite onica e da tuberculose monar", é recomendado sem ntraindicações.

Algumas embalagens resentavam a fórmula do nédio, sua composição química detalhes. Algumas vendiam a agem do fabricante, abordando a experiência ou formação. A tricina Victal, por exemplo, comendada para "chlorose e nphatite", trazia impressa em sua nbalagem a fotografia do médico ão Victal de Mattos, "formado la Eschola de Medicina do tado da Bahia". E não é só isso: as alidades do medicamento eram ardeadas com pouca modéstia, m trabalho de "marketing" feito ara convencer que "esta odigiosa preparação encerra os ois mais poderosos elementos de ssimilação e nutrição". No caso, a aroba e salsaparrilha-são os rodutos que servem como apelo e venda.

As mulheres eram um público rte, merecendo embalagens iscretas para o atendimento a seus roblemas íntimos. Apenas uma ecorosa representação de státuas gregas, sugerindo eminilidade, ilustra o Regulador niversal. Se a imagem é discreta, o pelo é um pouco mais objetivo: endia-se um "remédio poderoso as senhoras, tônico ssencialmente uterino". Rubores à arte, o produto estava ali, com odas as letras.

Paludismo, linfatismo, eumatismo, os males endêmicos da egião ou decorrentes da época, eram tratados com a fé que nspiravam medicamentos como o Quinol Calmont, o Elixir de Madeira Sagrado ou Elixir de Mururé. Nirez aponta a foto do farmacêutico oaquim G. Pereira, com bigodes autoritários exigindo saúde, e é mpossível não se deixar convencer da eficiência do remédio.

Cheiro de passado

Os perfumes cobrem páginas da



Cigarros de 1906, made in Ceará: o fim do mundo?

coleção de Nirez, em caixas desdobradas e tornadas planas, de onde qualquer cheiro há muito já se foi. Do lança-perfume Nirez guarda a embalagem: Rodouro, Rodo Metálico de Ouro, superluxo, uma das cinco marcas lançadas pela Rhodia por volta de 1910. Caixas se sucedem, com nomes líricos e românticos, mais doces que a própria essência: Bouquet Floral, Lilás do Vergel, Iris da Primavera.

Os mistérios do Oriente alcançam estes lados do mundo e se traduzem em perfumes como a Loção Oriental, com uma delicada gueixa cercada de flores de lótus garantindo a eficácia do produto. Sabonete Oriente Japonez e Sabonete Egipcio dão um toque mágico ao banho, num tempo em que até mesmo água encanada era privilégio de poucos. Outros sabonetes, Monbijou, Iris, Mimosa, ostentam desenhos de flores ao lado, evocando aquelas onde foram buscar a essência.

Esther batiza outro produto, e sobre este o fabricante é claro: "O que há de melhor contém este sabonete". Em alguns casos, a falta de clareza ocultava pruridos moralistas. O medicinal Sabão Laminado trazia em letras miúdas a informação de uso:
"Reservadamente ensinaremos o seu modo de usar para evitar uma das maiores calamidades da humanidade". Fase pré-penicilina à vista.

Vaidade e uso terapêutico, cosmética e medicina, os apelos do século passado e do início deste eram os mesmo de hoje. Sabão Reuter, da década de 20, era "o mais benéfico sabonete para a cútis". Garantido, era "o melhor sabonete para o banho e toillete, para fazer a barba, limpar a cabeça, e para o banho das crianças". Mil e duas utilidades.

É claro que Nirez também guarda as preciosas Estampas Eucalol, não tão cantadas quanto as mulheres do Sabonete Araxá mas mesmo assim com lugar reservado em muitos corações. Eram distribuídas três estampas em cada sabonete, numa promoção prolongada, que se estendeu entre 1927 e 1955, como lembra Nirez. Quase trinta anos de figurinhas perfumadas, protegidas de violações por uma cinta de garantia envolvendo as caixas. A primeira estampa da primeira série tem destaque no álbum de Nirez: um balão colorido, sobrevoando plácidos verdes prados.

Nos velhos tempos, pasta dental e creme dentifrício vendiam igualmente a imagem de beleza e saúde, desafiando a inevitabilidade das próteses dentárias. Com Odontal seus dentes ficam alvos e sadios: "Tome bem nota!" Odontal mata os gemes que produzem a cárie!". Cartões publicitários, ao estilo de cartão-postal, faziam a divulgação do produto vinculando-o a figuras joviais e esportivas: O verdadeiro

escoteiro para ter sua saúde integral, necessita antes de tudo possuir uma boa dentadura. Para obter dentes alvos, fortes e sadios, basta usar o creme dentifrício Odontal, que os preservará de todos os males". Um escoteiro sorridente, escova e tubo de pasta em alerta, ilustra a afirmativa.

Para o público feminino os apelos são um pouco diversos. Gosto "agradabilíssimo" e boca "deliciosamente perfumada" falam mais alto: "as meninas que usam Odontal experimentam grande prazer vendo seus dentes alvos, o hálito fresco e de um perfume fino e subtil". O colonialismo era fonte de bom humor para os publicitários da época. Um dos cartões Odontal mostra meia dúzia de selvagens aglomerados em volta de uma pilha volumosa de creme dental, comentando entre si: "Agora sim, chegou a cultura até nós!"

História que virou fumaça

Carteiras de cigarro foram as primeiras peças da coleção de Nirez — como aliás de muitas crianças. Os pais soltavam baforadas másculas, e os filhos ensaiavam o futuro colecionando as carteiras vazias. No álbum elas estão ordenadas de A a Z, do cigarro ACC – Homenageando a Associação de Chauffers do Ceará – ao Zig-Zag, famoso na região. Eram inúmeros os recursos dos fabricantes para estimular o consumo de seu produto, manobrando principalmente na direção das crianças e corações femininos, formas transversais de chegar a seu objetivo.

Em estratégia bastante diversa da atual, devido às próprias conotações modernas e clinicamente negativas do produto, o cigarro Veado, por exemplo, distribuía como brinde decalques coloridos de flores ou de Papai Noel. O citado Zig-Zag devia parte de sua popularidade à série Linguagem das Flores, com cartões louvando Simpatia, Sensualidade, Agradecimento e Declaração d' Amor.

A marca Rei do Mundo já aplicava observações comportamentais, lançando a carteira em forma de cédula,



Figurinhas para um passado limpo e perfumado.

dinheiro de faz-de-conta para as fantasias das crianças. O cigarro Ahí aproveitava-se de trocadilhos, transformando em cliente qualquer fumante que recorresse ao clássico "me dá um cigarro aí!"

Astoria tinha como ponto-de-venda a ponta de cortiça, bisavó do cigarro de filtro; Bisca trazia em seu verso cartas de baralho, o mesmo recurso que usava o cigarro Lú; Príncipe distribuía cartas de víspora, e os Filtros de Óleo Hasting garantiam indiscutível classe. Cultura e vício se misturavam na embalagem de Adália, transcrevia um romântico soneto, com título em latim.

O amor estava presente em Amor Perfeito, Beijo de Vênus e Polymathicos, que trazia uma bandeira com a exortação: "Amemo-nos e eduquemos-nos". Nomes de mulher eram uma constante, apelando a um erotismo ainda discreto. Anita, em maços de vinte ou de dez cigarros, à escolha do freguês; Carmencita, com uma espanhola vampiresca desempenhando seu papel de garota propaganda; Dalila, cigarro de 1903, em carteira para quinze; Nadyr, Nancy, Olga, Paquita – uma dama em trajes menores; Rosita, Violeta, Wanda e Yolanda, todas elas auxiliando a venda do produto.

As carteiras de cigarro veiculavam uma quantidade notável de temas, que exibiam a preocupação e interesses de uma época. Tinham vez o bom humor – Catitas, Futricado, Fim do Mundo – o bairrismo – Av. Beira Mar, Ideal Club, Homenagem ao Grande José de Alencar – influência cinematográfica – Tom Mix, Tarzan, Buck Jones – tendências políticas – Americanos, Brasil Novo, Senador Doutor Epitácio Pessoa, e tantos outros.

E quem estivesse desejando liberar-se do vício tinha também sua opção: Cigarros Cathedral, feito com palha de milho pelo Laboratório Vegetal Cathedral, de São Paulo, e declaradamente inofensivos.

Todas as cidades possuíam suas próprias fábricas, e a orientação de venda dos produtos refletia a preocupação regional. A multinacionalização do país refletiu-se na produção de cigarros no final da década de 50, quando a maioria das fábricas cede à entrada de competidores mais poderosos. No ceará, apenas a Araken tentou resistência, até meados dos anos 60. Como as outras, a resistência virou fumaça.

A Alma dos Negócios

"A feiúra não vende" – dizia Raymund Loewy, o pai do desenho industrial. Entre dois produtos de igual qualidade, venderá mais o que for mais bonito" – completava. Certamente os pioneiros da arte de embalar os produtos desconheciam estas leis. Pressentiam entretanto sua eficácia e dedicavam-se a obter o melhor com os parcos recursos disponíveis. Numa época em que não havia meio de comunicação de massa, a propaganda era executada, na maior parte das vezes, pelo próprio produtor. Como hoje, mirava-se a estética para acertar na curva de lucros. O acervo de Nirez permite um acompanhamento deste enunciado através do tempo, mostrando que a propaganda sempre foi a alma de todos os negócios.

Cartorio Melo Jr. - Fortaleza-CE
Pag. 3/9 REGISTRO No. 65942
Data: 29/10/87 Emls.: 390,00
Válido c/ Selo e Rubrica Oficial

"SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU"

S O C I P A M

Miguel Ângelo de Azevedo - NIREZ

ESTATUTO

ESTATUTO DA SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU-SOCIPAM

Cartorio Melo Jr. - Fortaleza-CE
Pag. 4/9 REGISTRO No. 45942
Data: 29/10/87 Emls.: 390,00
Válido c/ Sêlo e Rubrica Oficial

CAPÍTULO I - DA SOCIEDADE E DOS SEUS FINS

Art. 1º. Fica criada, por tempo indeterminado, a SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU (SOCIPAM), com sede e foro na cidade de Fortaleza, Capital do Estado do Ceará.

Par. Único - A SOCIPAM é uma sociedade civil de caráter cultural e científica, sem fins lucrativos.

Art. 2º. A sociedade tem por objetivo o estudo, a pesquisa e a divulgação dos registros sonoros e imagísticos, bem como a administração de acervos culturais privados e de museus e entidades correlatas.

Art. 3º. Para alcançar suas finalidades, a SOCIPAM manterá:

I - Intercâmbio com entidades científicas e culturais com idênticos objetivos;

II - a divulgação, através dos meios de comunicação social e de publicações próprias ou conveniadas, dos resultados de seus estudos e pesquisas;

III - administração de acervo particular de Miguel Ângelo de Azevedo (Arquivo Nirez), composto de milhares de peças como livros, discos, revistas, boletins, panfletos, jornais, suplementos, almanaques, álbuns, folhetos, fotografias, negativos, peças diversas e slides.

IV - compromisso de envidar esforços para criação, em Fortaleza, de um Museu Nordestino de Imagem e de SOM, a ser integrado por acervos diversos, de propriedade particular.

CAPÍTULO II - DOS SÓCIOS

Art. 4º. A SOCIPAM constitui-se de 12 sócios efetivos e, em número ilimitado, de sócios correspondentes, beneméritos e honorários.

Art. 5º. Será sócio efetivo o signatário da Ata da Fundação da SOCIPAM bem como o eleito para vaga corrente nesta classe.

Parágrafo Primeiro - Para ser eleito sócio efetivo, deverá o candidato:

a) ser residente em Fortaleza, Ce;

b) Cultivar o estudo e/ou a pesquisa imagística e sonora;

c) haver publicado trabalho de valor na área.

Parágrafo segundo - A proposta para admissão de sócio da categoria mencionada neste artigo será apresentada por três (3) sócios efetivos, em formulário adotado pela SOCIPAM, sendo obrigatória a anexação do curriculum vitae do candidato.

Parágrafo terceiro - A aprovação dependerá da aceitação da maioria absoluta da Diretoria da SOCIPAM.

Art. 6. - Poderá tornar-se sócio correspondente o candidato possuidor de notório conhecimento histórico e artístico, não residente em Fortaleza, processando-se a admissão mediante proposta justificada por escrito, de três (3) sócios, e aprovada por maioria absoluta da Diretoria da SOCIPAM.

Art. 7º. Será eleito sócio benemérito quem prestar serviços de relevância, à Sociedade.

Art. 8º. Será eleito sócio honorário quem, não sendo sócio efetivo, correspondente ou benemérito, for considerado pela SOCIPAM autoridade de renome no campo específico do estudo, da pesquisa e administração de acervo imagístico e sononro,

Art. 9º. No processo de admissão de sócio benemérito e do honorário, será observado o disposto no artigo 6º.

CAPÍTULO III - DOS DIREITOS E DEVERES DO SÓCIO

Art. 10º. São direitos do sócio:

a) apresentar trabalhos, formular proposições e participar de administração de acervos e/ou museus;

b) votar e ser votado;

Cartorio Melo Jr. - Fortaleza-CE
Pag. 5(9 REGISTRO No. 65042
Data: 29/10/81 Emls.: 390,00
Válido c/ Selo e Rubrica Oficial

Parágrafo único - O sócio correspondente, o benemérito e o honorário não podem votar nem serem votados.

Art. 11º. São deveres do sócio:

a) cumprir o estatuto;

b) promover o desenvolvimento da Entidade e concorrer para o seu prestígio;

c) desincumbir-se com zelo e probidade dos encargos recebidos;

d) comparecer pontualmente às reuniões;

e) contribuir para as despesas da Entidade, na forma que for estabelecidade pela Diretoria, se for sócio efetivo.

Art. 12º. O sócio em hipótese alguma responderá subsidiariamente pelas ações da SOCIPAM, mas poderá ser remunerado no desempenho de tarefas resultantes de convênios, contratos ou acordos com órgãos públicos ou

entidades privadas.

CAPÍTULO IV - DOS PODERES SOCIAIS

Art. 13º. São poderes sociais da SOCIPAM:

I - Assembléia Geral.

II - Diretoria;

III - Conselho Fiscal.

Cartorio Melo Jr. - Fortaleza-CE
Pag. 6/9 RECIBO No. 65942
Data: 29/10/02 Tx.: 390,00
Válido c/ Selo e Chancela Oficial

Art. 14º. A Assembléia Geral é o órgão supremo da SOCIPAM e se reunirá semanalmente para exame do relatório de atividade da Diretoria e quinquenalmente para eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal.

Art. 15º. A Diretoria é o órgão executivo da SOCIPAM e se reunirá mensalmente em caráter ordinário ou quando convocada por seu Presidente, dois (2) dos Diretores, o Conselho Fiscal, ou um terço (1/3) dos sócios.

Art. 16º. A Diretoria da SOCIPAM compor-se-á de Presidente, Secretário e Tesoureiro e respectivos suplentes.

Art. 17º. A eleição dos membros efetivos e suplentes da Diretoria realizar-se-á, no primeiro mandato de cinco (5) anos, permitida a reeleição.

Parágrafo único - A posse dos eleitos dar-se-á após a apuração dos votos.

Art. 18º. Compete à Diretoria:

a) Administrar a Sociedade;

b) expedir resoluções;

c) preencher as vagas ocorridas na sua composição;

d) eleger os novos sócios;

e) resolver os casos omissos neste Estado.

Art. 19º. Compete ao Presidente:

a) representar a SOCIPAM em juízo ou fora dele;

b) convocar e dirigir as reuniões e assembléias;

c) resolver os casos urgentes, ad referedum da Di-

retoria;

d) nomear comissões e contratar empregados;

e) autorizar pagamentos e, para tanto, assinar cheques com o Tesoureiro;

f) administar arquivos e museus.

Art. 20º. Compete ao Secretário:

a) dirigir a Secretaria;

b) expedir a correspondência, com o Presidente.

Art. 21º. Compete ao Tesoureiro:

a) dirigir a Tesouraria e arrecadar as contribuições;

b) apresentar, anualmente, o balanço da Sociedade, para exame do Conselho Fiscal;

c) assinar cheques com o Presidente.

Art. 22º. A substituição de membros da Diretoria se fará de acordo com ordem de eleição dos suplentes.

Art. 23º. O Conselho Fiscal tem como finalidade oferecer parecer '' sobre as contas da Diretoria e apresentá-lo nas assembléias anuais' e seu constituição será a seguinte: três membros efetivos e três '' membros suplentes.

CAPÍTULO V - DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 24º. O patrimônio da SOCIPAM é constituido por bens móveis, imóveis, direitos, títulos, legados, doações e por quaisquer outros de valor pecuniário.

Art. 25º. Os bens sociais só poderão ser alienados mediante aprovação de pelo menos três quartos (3/4) dos sócios efetivos.

Art. 26º. As importâncias em dinheiro, as ações e os títulos serão depositados em estabelecimento bancário.

Art. 27º. A Diretoria poderá criar quantos departamentos, comissões ou grupos de trabalho achar convenientes para melhor desempenho das atividades da Entidade.

Art. 28º. A Entidade poderá firmar acordo, contrato ou convênio para realização de estudos e pesquisas de acervos particulares ou pú

Cartorio Helo Jr. - Fortaleza-CE
Fas. 7/9 REGISTRO No. 65942
Data: 29/10/87 Emol.: 390,00
Válido c/ Sêlo e Rubrica Oficial

blicos.

Art. 29º. Em caso de extinção da sociedade, seu patrimônio reverterá, após ressarcidos os compromissos porventura existentes, em favor da ' entidade cultural indicada pela Assembléia Geral, e os acervos ou museus sob sua administração retornarão aos proprietários.

Art. 30º. - O presente Estatuto só poderá ser reformado em Assembléia Geral por deliberação de pelo menus hum terço (1/3) dos sócios efetivos.

Art. 31º. A Assembléia Geral Extraordinária poderá ser convocada pelo Presidente da SOCIPAM, a maioria da Diretoria, o Conselho Fiscal e '' por hum terço (1/3) dos sócios efetivos.

Art. 32º. O presente Estatuto entra em vigor na data de sua publicação.

Miguel Ângelo de Azevedo, brasileiro, casado, jornalista, domiciliado na Av. José Bastos, 2386, casa 69, Fortaleza,Ce - CPF nº 002.690.933-20. Presidente da SOCIPAM.

Cartorio Melo Jr. - Fortaleza-CE
Pag. 8/9 REGISTRO No. 65942
Data: 29/12/87 Emls.: 390,00
Válido c/ Selo e Rubrica Oficial

Terezinha de Azevedo Melo, brasileira,casada. Bibliotecária, domiciliada na Av.' José Bastos,2386, casa 69-B, Fortaleza - Ce. CPF nº 168.178.003-82 - 1º Secretário.

Maria Zenita Rodrigues de Azevedo

Maria Zenita Rodrigues de Azevedo, brasileira, casada, doméstica, domiciliada na Av. José Bastos, nº 2386, casa 69, Fortaleza, Ce., CPF nº 002.690.933-20 - 1º Tesoureiro.

LUÍS HUMBERTO B. PINHEIRO
ADVOGADO - OAB/CE 5045
CPF 223.093.723-87 - FORTALEZA - CE

Cartorio Melo Jr. - Fortaleza-CE
Pag. 9/9 REGISTRO No. 65942
Data: 29/10/87 Emol.: 390,00
Válido c/ Sêlo e Rubrica Oficial

Maria do Socorro Evangelista – VICE PRESIDENTE
, Marcos de Souza Correia – 1o. SECRETÁRIO
, Josival José de Jesus Teixeira – 2o. SECRETÁRIO
, Antonio da Silva Oliveira – 1o. TESOUREIRO
, Antonio Estevam Sobrinho – 2o. TESOUREIRO
Antonio Lopis Filho – PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

EXTRATO DO ESTATUTO DA SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU – SOCIPAM

A SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU – SOCIPAM -, fundada em 07 de agosto de 1984, sociedade civil, de caráter cultural e científico, sem fins lucrativos, com sede e foro em Fortaleza–CE, tem por objetivos o estudo, a pesquisa e a divulgação de registros sonoros e imagísticos e a administração e acervos culturais privados, de museus e entidades correlatas, sendo-lhe possível firmar acordo, contrato ou convênio. Constitui-se de doze sócios efetivos, os unicos com direito de voto e de ser votado, e de número ilimitado de sócios correspondentes, beneméritos e honorários, os quais não respondem por obrigações assumidas pela SOCIPAM, São órgãos da sociedade: a Assembléia Geral, órgão supremo; a Diretoria, órgão executivo, composto de Presidente, Secretário, Tesoureiro e suplentes, com mandato de cinco anos; Conselho Fiscal, órgão fisicalizador, composto de três membros e três suplentes, Ao Presidente compete representar a SOCIPAM em juízo e fora dele. Constituem seu patrimônio bens móveis e imóveis, direitos, títulos, legados, doações e quaisquer outros de valor pecuniário. Extinta a sociedade e deduzido o passivo, seu patrimônio reverterá em favor da entidade cultural indicada pela Assembléia Geral. Qualquer alteração estatutária deverá ser aprovada em Assembléia Geral pelo quorum mínimo de um terço dos sócios efetivos.

MIGUEL ÂNGELO DE AZEVEDO
Presidente

ATOS DO PODER LEGISLATIVO MUNICIPAL

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR

PORTARIA No. 40/87

O PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR – IPP, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE, de acordo com o Art. 3o., parágrafos 5o. e 6o. da Lei No. 5.869, de 17/10/84, atribuir as pessoas abaixo relacionadas, a partir de 1o. de abril, do ano em curso a gratificação mensal por serviços prestados a este Instituto de Previdência Parlamentar.

Francisco Ubiratan Xavier da Costa ..... Cz$ 2.500,00
José Hélio Abreu ..... Cz$ 2.500,00
Mozart Souto Bezerra ..... Cz$ 2.500,00
José Cabral Filho ..... Cz$ 2.500,00
Antonio Rodrigues da Penha ..... Cz$ 1.500,00
Francisco Campos Lima ..... Cz$ 1.500,00

GABINETE DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR, em 15 de maio de 1987.

Antonio Ademar Arruda
PRESIDENTE

PORTARIA No. 41/87

O PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR – IPP, no uso das atribuições legais,

RESOLVE, de acordo com o Art. 3o. parágrafos 5o. e 6o. da Lei No. 5.869 de 17/10/84, atribuir as pessoas abaixo relacionadas a gratificação mensal a partir de 1o. de Maio do ano em curso por serviços prestados ao Instituto de Previdência Parlamentar, devendo as despesas correr por conta da Dotação própria deste Instituto.

Nelson Filho Furtado Alves ..... Cz$ 2.500,00
Francisco Aristides Pereira ..... Cz$ 2.500,00

GABINETE DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR, em 18 de maio de 1987.

Antonio Ademar Arruda
PRESIDENTE

PORTARIA No. 42/87

O PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR (IPP), no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE, de acordo com o Art. 3o. parágrafos 5o. e 6o., da Lei No. 5.869, de 17/10/84, atribuir as pessoas abaixo relacionadas, a partir de 1o. de maio do ano em curso a gratificação mensal por serviços prestados a este Instituto de Previdência Parlamentar.

Maria Matos Lima ..... Cz$ 1.000,00
Juarez Felix de Sousa ..... Cz$ 700,00
Lúcia de Fátima Viana Gomes ..... Cz$ 700,00

GABINETE DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR, em 18 de maio de 1987.

Antonio Ademar Arruda
PRESIDENTE

PORTARIA No. 43/87

O PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE, de acordo com o Art. 3o. parágrafos 5o. e 6o., da Lei No. 5.869, de 17/10/84, substituir a partir de 1o. de maio de 1985, da Portaria No. 37/85, de 05/07/85, os nomes de FRANCISCO WALKER B. DE ALMEIDA e LÉA BASTOS LIMA, por JOSÉ DOS SANTOS AIRES e RENIER DA SILVA GOMES, respectivamente.

GABINETE DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA PARLAMENTAR, em 18 de maio de 1987.

Antonio Ademar Arruda
PRESIDENTE

1ª VIA

MINISTÉRIO DA FAZENDA
SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL
CENTRO DE INFORMAÇÕES ECONÔMICO-FISCAIS
CADASTRO GERAL DE CONTRIBUINTES

C G C
FICHA DE INSCRIÇÃO DO ESTABELECIMENTO-SEDE

01 PARA USO DA REPARTIÇÃO

1 5

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1 - CONSULTE O MANUAL DO CONTRIBUINTE C.G.C., AO PREENCHER ESTA FICHA.
2 - PREENCHA-A, A MÁQUINA, EM 3(TRÊS) VIAS PERFEITAMENTE LEGÍVEIS.
3 - NÃO PREENCHA OS QUADROS DE "USO DA REPARTIÇÃO"
4 - DEIXE EM BRANCO OS ITENS EM QUE NADA TENHA A INFORMAR.
5 - APRESENTE TODAS AS VIAS AO ORGÃO DA SRF DA JURISDIÇÃO DO ESTABELECIMENTO-SEDE.
6 - PREENCHA OS CAMPOS DIVIDIDOS EM QUADRINHOS, COLOCANDO CADA LETRA DENTRO DE UM QUADRINHO, A COMEÇAR DO PRIMEIRO.

02 ETIQUETA PROTOCOLO DO C.G.C.

0

SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL
CADASTRO GERAL DE CONTRIBUINTES

NÚMERO DE INSCRIÇÃO NO C.G.C.

12 460 812/0001-07

* ESTA FICHA, QUANDO AUTENTICADA, SUBSTITUI O CARTÃO C. G. C. PELO PRAZO DE 90 (NOVENTA) DIAS, CONTADOS DA DATA DE RECEPÇÃO (QUADRO 14) OU DA ÚLTIMA DATA DE REVALIDAÇÃO APOSTA NO VERSO.

03 INFORMAÇÕES GERAIS

03 INSCRITO ANTERIORMENTE NO C.G.C.? SIM 01 8 | NÃO X 02 6 — 9
04 SOLICITAÇÃO DE BAIXA HÁ MAIS DE 5 (CINCO) ANOS? SIM 03 0 | NÃO 04 9 — 2
05 NÚMERO DE INSCRIÇÃO ANTERIOR NO C.G.C — 0

N.º BÁSICO								N.º ORDEM				CONTROLE	
								0	0	0	1		

04 RECOLHIMENTO DE TRIBUTOS

06 ASSINALE COM "X" OS TRIBUTOS QUE A SEDE RECOLHER HABITUALMENTE — 5

IMPOSTO DE RENDA (DECLARAÇÃO)	X	00	9				
EXPORTAÇÃO		01	7	LUBRIFICANTES E COMBUSTÍVEIS		08	4
PROPRIEDADE TERRITORIAL RURAL		02	5	ENERGIA ELÉTRICA		09	2
IMPORTAÇÃO		03	3	MINERAIS		10	6
IMPOSTO DE RENDA (NA FONTE)		04	1	TRANSMISSÃO PROP. IMOBILIÁRIA		11	4
IPI		05	0	ICM		12	2
OPERAÇÕES FINANCEIRAS		06	8	PROPRIEDADE TERRITORIAL E PREDIAL URBANA		13	0
SERVIÇOS DE TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES (FEDERAL)		07	6	IMPOSTO SOBRE SERVIÇOS		14	9

05 INFORMAÇÕES FINANCEIRAS

07 MÊS DE BALANÇO: 12 — 0
08 PERCENTUAL DO CAPITAL: DE ORIGEM NACIONAL 01 100 0 — DE ORIGEM ESTRANGEIRA 02 0 0 0 8 — 8
09 FAIXA DE CAPITAL (Assinale com "X") — 6

MENOS DE Cr$ 100.000		ENTRE Cr$ 100.000 E Cr$ 1.000.000		MAIS DE Cr$ 1.000.000	
X	01 6		02 4		03 2

06 NATUREZA JURÍDICA

10 ASSINALE COM "X" A FORMA DE CONSTITUIÇÃO — 6

EMPRESA INDIVIDUAL (COMÉRCIO OU INDÚSTRIA)		00	6				
SOCIEDADE EM NOME COLETIVO		01	4	EMPRESA PÚBLICA		10	3
SOC. POR COTAS DE RESPONSABILIDADE LTDA.		02	2	SOC. DE ECONOMIA MISTA		11	1
SOC. DE CAPITAL E INDUSTRIA		03	0	SOC. ANÔNIMA (CAPITAL FECHADO)		12	0
SOC. COMANDITA SIMPLES		04	9	SOC. ANÔNIMA (CAPITAL ABERTO)		13	8
SOC. EM COMANDITA POR AÇÕES		05	7	EMPRESA INDIVIDUAL (PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS)		14	6
SOC. CIVIL COM FINS LUCRATIVOS		06	5	FUNDAÇÃO		15	4
SOC. EM CONTA DE PARTICIPAÇÃO		07	3	ASSOCIAÇÃO	X	16	2
SOC. COOPERATIVA		08	1	AUTARQUIA		17	0
FILIAL, SUCURSAL, AGÊNCIA DE EMPRESA SEDIADA NO EXTERIOR		09	0	ÓRGÃO PÚBLICO		18	9

07 ATIVIDADE PRINCIPAL DO ESTABELECIMENTO-SEDE

11 DESCRIÇÃO: **ASSOCIAÇÃO CULTURAL CIENTÍFICA E EDUCACIONAL**

12 CÓDIGO: 6 0 2 2 — 9

08 DENOMINAÇÃO

13 FIRMA OU RAZÃO SOCIAL/ DENOMINAÇÃO COMERCIAL: SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU *

14 NOME DE FANTASIA: BOCXPAM *

09 ENDEREÇO DO ESTABELECIMENTO-SEDE

15 TIPO (RUA, AV., ETC.): AV.
16 NOME DO LOGRADOURO *: JOSÉ BASTOS *
17 NÚMERO: 2388
18 COMPLEMENTO (ANDAR, SALA, ETC.) *: CASA 69
19 BAIRRO OU DISTRITO: BENFICA
20 CEP *: 60438
21 SIGLA DA U.F. *: CE
22 MUNICÍPIO: FORTALEZA
23 CÓDIGO DO MUNICÍPIO:
24 CÓDIGO DA INSPETORIA *:

10 PESSOA FÍSICA RESPONSÁVEL PERANTE O MINISTÉRIO DA FAZENDA

25 INSCRIÇÃO NO CPF — NÚMERO BÁSICO: 002 69 933 — CONTROLE: 20 — 1
26 NOME: MIGUEL ÂNGELO DE AZEVEDO

11 ASSUMO TOTAL RESPONSABILIDADE COM PLENO CONHECIMENTO DO DISPOSTO NA LEGISLAÇÃO VIGENTE

27 DATA:
28 ASSINATURA DO RESPONSÁVEL PERANTE O MINISTÉRIO DA FAZENDA:

12 CONTROLE DE REMESSA DE DOCUMENTOS

29 PARA USO DO ÓRGÃO RECEPTOR — CÓDIGO: 30000 7 — ANO: 87 — GRUPO: 01 — NÚMERO:

13 30 RECEPÇÃO NO ÓRGÃO DA JURISDIÇÃO DA SEDE

CARIMBO DO ÓRGÃO/RUBRICA DO FUNCIONÁRIO

30000/1389
04/11/81
DRF-FORTALEZA-CE.

14 PARA USO DO ÓRGÃO LOCAL DA JURISDIÇÃO DA SEDE

31 DATA DE RECEPÇÃO: DIA 04 — MÊS 11 — ANO 87
32 MATRÍCULA DO FUNCIONÁRIO: 3.009.281-7

MODELO APROVADO PELA INSTRUÇÃO NORMATIVA DO SRF 2

SRF (CIEF) 02.84

Dispensado de Impressão e Interticio
Em 20 / 10 / 1987

Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO

PARECER Nº 47 /87

AO PROJETO DE LEI Nº 079/87

OS VEREADORES EMANUEL TELES, JUAREZ LEITÃO, SAMUEL BRAGA, PAULO FACÓ E ARAÚJO DE CASTRO, SUBMETERAM À APRECIAÇÃO DO PLENÁRIO DESTA AUGUSTA CÂMARA MUNICIPAL O APENSO PROJETO DE LEI QUE "CONSIDERA DE UTILIDADE PÚBLICA A SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU-SOCIPAM, NA FORMA QUE INDICA."

A PROPOSIÇÃO EM APREÇO TEM POR FINALIDADE' CONCEDER OS BENEFÍCIOS DE UTILIDADE PÚBLICA A SOCIPAM, ENTIDADE DE CARÁTER CULTURAL E CIENTIFICO, QUE TEM POR OBJETI OS O ESTUDO, A PESQUISA E A DIVULGAÇÃO DE REGISTROS SONOROS E IMAGISTICOS E A ADMINISTRAÇÃO DOS ACERVOS CULTURAIS PRIVADOS DE MUSEUS E ENTIDADES CORRELATAS.

DESTA FORMA, ESTA COMISSÃO RENDE-SE À APROVAÇÃO DA MATÉRIA EM PAUTA.

É O NOSSO PARECER.

SALA DAS SESSÕES DAS COMISSÕES PERMANENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 19 DE outubro DE 1987.

PRESIDENTE

RELATOR

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÂO AO PROJETO DE LEI Nº 079/87

APROVADO EM 22/12/87 Presidente

Considera de utilidade pública a SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU - SOCIPAM, na forma que indica.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º- Fica considerada de utilidade pública a Sociedade de Pesquisa e Administração de Museu - SOCIPAM, sociedade civil, com sede e foro jurídico nesta Capital.

Art. 2º- A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 22 de p de 1987.

PRESIDENTE

MAPR **CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA**

Ofício nº 104/87

Fortaleza, 12 de novembro de 1.987.

Senhora Prefeita:

Na conformidade do artigo 44 da Lei nº 5930 de 13 de dezembro de 1.984, tenho a satisfação de encaminhar a Vossa Excelência o presente autógrafo de lei aprovado por esta Câmara, que "Considera de utilidade pública a SOCIEDADE DE PESQUISA E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEU - SOCIPAM, na forma que indica".

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os protestos de elevado apreço e consideração.

Vereador Wellington Soares
PRESIDENTE

Exma. Sra.
Dra. Maria Luiza Fontenele
DD. Prefeita Municipal de Fortaleza
Nesta